

## NARRATIVA E MEMÓRIA NO CARIBE COLOMBIANO (1967-1983)

Dernival Venâncio Ramos<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Tocantins

### Resumo

A narrativa produzida no Caribe colombiano, aqui configurada nas obras de Gabriel García Márquez, como *Cien años de soledad*, Germán Espinosa, *La tejedora de coronas*, Manuel Zapata Olivella, *Changó el gran putas*, e Fanny Buitrago, *Los pañamanes*, se projetam socialmente como memória e história através de uma série de recursos discursivos como a criação de arquivos ficcionais e a abordagem de fatos históricos, supostamente marcantes para história da região como o massacre dos trabalhadores da United Fruit Company em 1928, a escravidão e a resistência quilombolas, a presença da Inquisição espanhola durante o período colonial, etc. Este trabalho pretende investigar esta apropriação do passado como discurso socialmente endereçado, vinculado à tentativa de positivar a identidade regional no Caribe colombiano na segunda metade do século XX.

\*\*\*

### Introdução

O projeto de pesquisa "Narrativa, Memória e História no Caribe Colombiano (1966-1985)<sup>2</sup>" foi desenvolvido a partir de um referencial teórico-metodológico advindo da nova história cultural. Seria "nova" porque a História cultural contemporânea se baseia numa tentativa de legitimação de um campo de investigação que se quer "novo", diferente. Mas como mostra Peter Burke (2005), ele descende da História da cultura. O que ocorreu, segundo o historiador inglês, foi a redefinição do conceito de cultura a partir da influência da antropologia cultural da década de 1970, como testemunha a obra e o testemunho de Robert Darnton. A cultura deixou de ser sinônimo de erudição e de alta cultura. Ela passou a ser definida como o sistema simbólico que informa a ação social (Ver Gertz, 1987). O historiador da cultura, assim, estabelece metodologicamente

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade de Brasília. Professor da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína.

<sup>2</sup> Essa pesquisa foi desenvolvida com o apoio do programa PIVIC/UEG de 2008.

uma relação com o passado, semelhante a que os antropólogos estabelecem com os povos não ocidentais<sup>3</sup>. (Ver Darnton, 1986)

Outro ponto importante é a percepção de que o mundo é constituído simbolicamente através dos discursos socialmente construídos. Esses discursos instauradores do real incluem a narrativa na forma de obras ficcionais, historiográficas, poéticas, etc. Eles ajudam a instaurar não apenas o real “presente”, mas também ajudam a sustentar a existência do passado através da produção de memórias. Este texto, contudo, trabalha apenas com narrativas ficcionais.

## **I – Memória e Narrativa**

O conceito de memória é discutido desde a antiguidade clássica (Ver BAPTISTA, 2009). No século XIX, o filósofo inglês Henri Bergson voltou a problematizar a relação entre memória e realidade. Seguindo esta tradição, o sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006), a partir de um referencial durkheimiano, cunhou a categoria "memória coletiva". Ele deslocou a memória do referencial individual e a inseriu no mundo das relações sociais. Ela é, segundo ele, um dos modos de manutenção da coesão da vida em sociedade.

Devemos a Halbwachs, ainda, a idéia de que as memórias são produtoras de sentido; elas não simplesmente re-presentam o passado, mas recuperam-no a partir de necessidades do presente. Por outro lado, a idéia de que a memória é produção social de sentido leva a pensar nas memórias como discursos e como narrativas, o que abre espaço para invenção e disputa. A crítica que poderia ser feita a Halbwachs se resume ao fato dele não perceber que o fato da memória ser coletiva não quer dizer que ela seja una. As memórias são terrenos em disputa.

Paul Ricoeur (2008) encontra o ponto de articulação entre memória e narrativa na obra de Aristóteles. Segundo ele, a memória, como a narrativa, se sustenta no ordenamento e humanização do tempo. Como a narrativa é o meio humano privilegiado de humanização do tempo, as memórias só podem ser sustentadas como narrativa. Elas não “descrevem” o passado, antes, fornecem orientação ao presente. Instauram o real

---

<sup>3</sup> O Antropólogo norte-americano Clifford Geertz critica essa metáfora. Ele lembra aos historiadores que são coisas bem diferentes estar contíguo no tempo e no espaço. Uma coisa é lidar com práticas, costumes e representações sociais diferentes das nossas, mas que já se foram e outra é lidar com esse tipo de coisa quando elas estão contíguas à nossa sociedade, no presente. Ver GEERTZ, 2001)

que descrevem. Os grupos humanos precisam produzir narrativas memorativas para manterem-se afastados do poder desagregador do tempo.

Por outro lado, existe a necessidade de se diferenciar os tipos de narrativa. É fácil aceitar que as narrativas coletivas sejam produtoras de memória. Contudo, quando falamos de narrativas ficcionais nas quais sobressai a figura do autor, essa questão se complica. Acredito que o processo de individualização, ligado ao processo civilizatório, é o responsável pela idéia de que um romance é fruto de um sujeito individual, radicalmente isolado do mundo (Ver ELIAS, 1994). O romance como narrativa e o romancista como narrador assumem no mundo moderno a função de produzir as narrativas sociais. Função que é compartilhada pela historiografia e pelo historiador.

Contudo, como se sabe, é comumente aceito que a narrativa histórica seja produtora de memória, o que não ocorre com a narrativa ficcional. Essa é vista apenas como resultado do gênio individual ou da fabulação de um autor. Nada mais enganoso. Os romances são gêneros performáticos. O lastro para essa informação pode ser encontrados nos estudos de Roberto González Echevarría (2001) e Antonio Benítez Rojo (1998). Eles defendem a idéia de que romances em geral e o romance latino-americano e caribenho, em particular, para obterem legitimidade social simulam outros textos. Por não possuir uma forma única, o romance assume a forma de outros discursos: o legal, o histórico, o memorialista, e etc. Ou seja, longe de ser puramente ficção no sentido do senso-comum, ou seja, “mentira”, a narrativa romanesca é um discurso que, simulando a autoridade de outros suportes textuais como o discurso jurídico, médico, histórico, etc., visa, no caso do Caribe, a legitimação social.

Parto do pressuposto de que os romances são narrativas socialmente endereçadas. Acredito que, no caso do Caribe colombiano, o encaminhamento de questões propostas pelo romance regional se direcionou para a produção de uma memória regional que fornece lastro para a configuração de um processo de regionalização que pretende desestabilizar territorializações tradicionais do poder, como é o caso da nação. Instauram, assim, uma memória que evidencia como as representações do passado são lugares de disputa.

### **III – Nação e Região na Colômbia**

O Caribe colombiano está situado na região norte da Colômbia, país localizado no norte da América do Sul e que conta com 45 milhões de habitantes. Hoje conhecida

como Caribe colombiano, essa região historicamente foi denominada e autodenominou-se “La Costa.”

Do ponto de vista geográfico, a Colômbia está dividida entre várias regiões e microrregiões. Historicamente, contudo, a oposição entre região andina e região caribenha foi dominante. Segundo Alfonso Múnera (1996), a oposição entre uma região andina, que se considerava civilizada, e uma região caribenha, considerada bárbara e fronteira pelo discurso andino, foi fundamental para a construção da identidade nacional colombiana. Em torno da desconstrução dessa representação do espaço nacional vai se formar, na segunda metade do século XX, um vigoroso discurso identitário região de “La Costa.”

Nesse contexto de relações de oposição entre Andes e Caribe, Raul Romero (2005), em pesquisa que deu origem à sua tese de doutorado, encontra uma oposição e um enfrentamento entre a memória nacional e a memória regional. Segundo ele, no momento das comemorações dos cem anos da independência nacional, em 1910, foi possível perceber claramente duas memórias a enfrentarem-se; elas tentavam legitimar a versão do passado regional e nacional que atendia dois projetos de identidade: em andino e outro caribenho.

A construção andina, colocada como a memória nacional sobre a independência do país em 1810, por um lado, e uma memória caribenha, que se opunha a ela, redefinindo a participação de cidades como Cartagena de Índias no processo que levou à ruptura política com a Espanha e a delimitação do espaço nacional. Essa disputa pelo passado levou à cidade de Cartagena a estabelecer outra cronologia para a independência e arrestar importância a outros personagens, como é possível perceber no memorial da independência existente na cidade. (Ver ROMERO, 2005)

Os dois autores citados ajudam a perceber como essa relação de oposição se estabelecem no plano das identidades e das memórias. A intervenção na memória regional realizada por narrativas como *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez, *La tejedora de coronas*, de Germán Espinosa, *Changó el gran putas*, de Manuel Zapata Olivella e *Los pañamanes*, de Fanny Buitrago seguem a oposição histórica entre discurso andino/nacional e discurso caribenho sobre o passado da região, oposição que Múnera e Romero localizam em dois momentos diferentes da história do país.

A segunda metade do século XX pode ser encarado como o terceiro momento deste enfretamento. Se em 1910 ele se deu pelas comemorações, a partir de 1950 o campo da narrativa é assumido como um dos palcos deste enfretamento.

#### **IV - Narrativa e Memória no Caribe colombiano**

As fontes selecionadas foram os romances *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez, *La tejedora de coronas*, de Germán Espinosa, *Changó el gran putas*, de Manuel Zapata Olivella e *Los pañamanes*, de Fanny Buitrago. Narrativas essas escritas entre 1967 e 1983.

*Los pañamanes*, de Fanny Buitrago se coloca como a única cópia restante do arquivo histórico da ilha de San Andrés, que foi consumido pelo fogo criminoso dos interesses imobiliários. O texto de García Márquez tem como centro a temática do esquecimento das experiências regionais e a criação de uma versão falsificada da história. Fatos como o impacto da Guerra dos Mil Dias, em 1901, e massacre dos trabalhadores da United Fruit Company, em 1928, teriam sido borrados da memória regional.

O livro se justifica como uma recuperação desses eventos: uma tentativa de fazer com que eles sejam lembrados. Do mesmo modo, a temática do arquivo reaparece aí. O texto se coloca como um manuscrito sobre a história da região do Caribe, redigido por um cigano chamado Melquíades.

Esses textos se colocam como a denúncia do apagamento das experiências regionais pelo discurso nacional/andino. Pois é o discurso oficial que silencia as experiências caribenhas, num caso, no outro, são os interesses ligados a capitalistas andinos que levam ao incêndio do arquivo/memória de San Andrés. O diagnóstico desse apagamento é a base retórica para legitimar as pretensões das narrativas: elas seriam “o” arquivo histórico caribenho, o “lugar” onde est(ão)ariam registradas as experiências regionais. Elas seriam armas contra o esquecimento promovido pela história nacional/oficial quando impõe sua versão do passado.

Por outro lado, *La tejedora de coronas*, de Germán Espinosa e *Changó el gran putas* se colocam como recuperação de episódios da história regional "esquecidos" e/ou desconsiderados pela historiografia. O primeiro deles narra a história "esquecida" do assalto de Cartagena de Indias pela pirataria francesa. Nesse sentido, o texto recuperaria uma história das relações da região do Caribe colombiano com o Caribe.

*Changó el gran putas* se coloca como a narrativa total da diáspora africana na América, inserindo o Caribe colombiano numa vasta história atlântica de tráfico, escravidão e resistência. Essas duas obras ampliam o debate sobre a memória regional: elas elaboram uma questão – que apenas é tocada em García Márquez e Fanny Buitrago – que poderia ser chamada geografias da memória. Inscrevem a memória/história do Caribe colombiano numa memória caribo-atlântica. Recusam-se a pensar a memória local dentro da geografia nacional e sustentam a ideia de que a memória e a história não obedecem as fronteiras do território nacional(ista).

A avaliação das fontes do contexto histórico anterior mostrou que a hipótese de que há uma intervenção deliberada da narrativa na história e na memória se sustenta. Como foi dito acima: seria uma terceira etapa de uma disputa que vinha acontecendo desde o século XIX e que está relacionada à construção da nação na Colômbia. A narrativa de García Márquez, Fanny Buitrago, Germán Espinosa e Manuel Zapata Olivella, assim, seguem uma tendência da história da literatura no Caribe, como um todo, e na América Latina, a de intervenção social no sentido de produzir ou sustentar identidades sociais. Neste sentido, elas se colocam como Arquivo caribenho – como lugar de memória (Ver Roberto González Echevarría, 2001).

### **Considerações finais**

Uma das principais dificuldades de se pesquisar a região do Caribe no Brasil é a falta de material. As bibliotecas e universidades brasileiras não possuem acervos bibliográficos e documentais sobre a região. A única exceção à regra era o centro de Estudos do Caribe no Brasil, que se encontrava na sala número 42 da Antiga Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da UFG. A aposentadoria de sua diretora, Olga Cabrera, levou à desativação do centro. Felizmente, o acervo bibliográfico foi transferido para o Núcleo de Estudos Afro-brasileira da UFG, coordenado pelo professor Alex Ratts. Foi ali que grande parte desta pesquisa foi realizada.

A proposta de pesquisar a relação entre narrativa, memória e história contribuiu para perceber como se dá o que Pierre Bourdieu (1999) chama de “luta pelas classificações” e que Roger Chartier (1995) chama de “lutas de representação”. Essas lutas visam legitimar o poder de controlar o passado e estabelecer o ordenamento do fluxo histórico de acordo com interesses os mais diversos possíveis. Na verdade, como mostra um título de um outro estudo, a região do Caribe colombiano ainda é um

território em disputa (Ver Ramos Jr, 2008). Esta pesquisa pretendeu pensar como a narrativa participou, na segunda metade do século XX, na disputa pela memória regional. As conclusões da avaliação das fontes é que os narradores assumiram o papel de produtores do Arquivo regional. Eles lutaram pelo estabelecimento do considerado “o” passado.

Como afirmamos acima, contudo, o passado reconstruídos por esses escritores, atende a interesses identitários. Eles não buscavam “o” passado tal como o busca o historiador acadêmico. Mas essa versão do passado regional conseguiu chamar a atenção o suficiente para levantar debates na historiografia acadêmica sobre eventos como o Massacre dos trabalhadores da United Fruit Company, em 1928. Eduardo Posada Garbo (1998) mostra o impacto do que ele chama de “falsificação” – e que nós preferimos chamar invenção – do passado nos manuais escolares de História. Isso mostra a grande legitimidade que estas obras, principalmente *Cien años de soledad*, alcançaram na sociedade caribenha. Mas a recepção dessas narrativas é outra história que será contada em um outro momento.

### **Referências bibliográfias**

- BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. “*Clio e mnemosyne: história e memória na obra de Tucídides*”. *A História escrita: possibilidades de construção da pesquisa historiográfica*. Goiânia: Editora Viera, 2009, pp.17-32.
- BENÍTEZ ROJO, Antonio. *La isla que se repite*. Barcelona: Editorial CASIOPEA, 1998.
- BUITRAGO, Fanny. *Los pañamanes*. Barcelona: Plaza e Janes Editores, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertand, 1999.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHATTERJEE, Partha. “Comunidade imaginada por quem?” *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, pp. 227-238.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1995.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. São Paulo: Editora Graal, 1986.
- DEAS, Malcom. *Del poder y la gramática y otros ensayos sobre História, política e literatura colombianas*. Bogotá: Taurus, 2006.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.
- ESPINOSA, Germán. *La tejedora de coronas*. Bogotá: Alfaguara, 2002.
- FALS BORDA, Orlando. “Ordenamiento territorial e integración regional en Colombia”. *La insurgencia de las provincias. Hacia un nuevo ordenamiento territorial para Colombia*. Bogotá: Siglo Veintiuno Editores, 1988.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cien años de soledad*. Madrid: Real Academia Española/Editorial Alfaguara, 2007.
- GARCÍA USTA, Jorge. “Los bárbaros ‘costeños’ e a modernización de las letras nacionales”. *El mundo Caribe: La sala de Literatura*. Observatorio de Caribe Colombiano, 2004.
- GLISSANT, Edouard. *Faulkner, Mississippi*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. *Mito y archivo*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2006.
- MARTÍNEZ, Frédéric. *El nacionalismo cosmopolita. La referencia europea en la construcción nacional colombiana (1845-1900)*. Bogotá: Banco de la República, 2001.
- MENTON, Seymour. *La novela colombiana. Planetas y satelites*. Bogotá: Plaza y Janés, 1986.
- MÚNERA, Alfredo. “El Caribe colombiano en la república andina: identidad y autonomía en el siglo XIX”. *Boletín cultural y bibliográfico*. Vol. XXXIII, Nº 41, 1996.
- MÚNERA, Alfonso. *El fracaso de la nación. Región, Clase y Raza en el Caribe colombiano (1717-1821)*. Bogotá: El Áncora Editores/Banco de la Republica, 1998.
- MUNERA, Alfonso. *Fronteras Imaginadas*. Bogotá, Planeta: 2005.
- PATIÑO VILLA, Carlos Alberto. “El mito de la nación violenta. Los intelectuales, ‘La violencia’ y discurso de la guerra en la construcción de identidad nacional colombiana”. *Relatos de Nación*. Madrid: Editorial Iberoamericana, 2005, pp. 1095-1114.
- POSADA GARBÓ, Eduardo. *El Caribe colombiano. Una historia regional (1870-1950)*. Bogotá: Banco de la Republica/El Áncora Editores, 1998.
- POSADA GARBÓ, Eduardo. “La novela como historia. Cien años de soledad y las bananeras”. *Boletín Cultural y Bibliográfico*. Vol. 35, Nº 48, 1998, pp. 03-19.
- RAMOS JR, Dernival Venâncio. “A disputa por “La Costa”: Nação, Narrativa e Identidade na Colômbia”. *Líber Intellectus*. N. 02. <http://www.liberintellectus.org/artigos.html>
- ROMÁN ROMERO, Raúl. “Memórias enfrentadas: centenario, nacion y Estado. 1910-1921”. *Memórias. Revista Digital de História y Arqueologia desde el Caribe*. Ano 2, Nº 02. Barranquilla: UNINORTE, 2004. <http://www.uninorte.edu.co/publicaciones/memorias/index.html>.
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.